

15 DEZ 1988

CORREIO BRAZILIENSE

Esquerda ausente nos cumprimentos

Sarney

O momento era de confraternização e de esquecimento das divergências políticas, mas apesar disso, os partidos de esquerda decidiram não incorporar o espírito natalino que tomou conta ontem do Palácio do Planalto, e nem por alguns segundos, aceitaram permanecer do mesmo lado do chefe do Governo.

No tradicional **beija-mão** de final de ano — a confraternização do Executivo com o Legislativo e o Judiciário — o presidente José Sarney não conseguiu unir nem mesmo as forças de centro, cuja união tem pregado insistentemente, para vencer a radicalização que, segundo ele, atingiu o País.

Dos 559 parlamentares, apenas 126 — e nenhum representante da esquerda — foram desejar boas festas a Sarney, ontem pela manhã, no Planalto, que não esperou pelo presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, para dar início a cerimônia de cumprimentos. Ulysses chegou ao Palácio com 40 minutos de atraso e após abraçar o Presidente, posicionou-se rapidamente ao centro do salão, entre Sarney e o pre-

sidente do Senado, Humberto Lucena.

Ao contrário do que aconteceu no final do primeiro ano do governo Sarney, quando quase todo o Legislativo cumprimentou o chefe do Executivo, no salão do segundo andar do Planalto, este ano não houve a necessidade de formação de uma fila de cumprimentos, já que grande parte do salão permanecia vazio. O tapinha nas costas, desta vez, superou o tradicional abraço. Um a um, deputados e senadores, a maioria do PFL e PMDB, cumprimentavam rapidamente Sarney.

Os mais afinados com a política do Planalto e amigos pessoais do Presidente, como o senador Alexandre Costa (PFL-MA) e Edson Lobão (PFL-MA), desejam ao amigo os "votos de um ano bom, sem inflação".

Mas mesmo durante uma trégua temporária, não faltaram as críticas à política econômica do Governo. "Estou aqui hoje como civilizado, mas amanhã vou meter o pau nele", adiantou o senador Jarbas Passarinho, que prometeu fazer duras críticas ao Pla-

nalto, durante o discurso de encerramento do PDS.

O presidente do PDS também não poupou críticas ao ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, representante do Governo nas negociações do pacto social: "ou o Costa Couto vira o Napoleão civil, ou não precisamos de chefe na Casa Civil", afirmou.

Segundo o senador do Paraná, tem que haver coordenação dentro dos setores do Governo: "não dá para assistir um ministro chamar o outro de ladrão e não acontecer nada", criticou, referindo-se às divergências entre o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, e o ministro da Habitação, Prisco Viana.

Durante os cumprimentos, um rápido segundo de descontração tomou conta do Presidente, que não conteve o sorriso largo, depois de ouvir a afirmação do senador Ney Maranhão (PMDB-PE). "O senhor está numa casa de **marimbondo-tatu**, que dá febre, frio e dor de cabeça".